



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LUANA JUSTINO FREIRE**

**REPRESENTAÇÕES PARADOXAIS DO FEMININO NO SÉCULO  
XIX: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ORGULHO E  
PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN E TESS, DE THOMAS  
HARDY**

Guarabira – PB,  
Dezembro – 2011

LUANA JUSTINO FREIRE

**REPRESENTAÇÕES PARADOXAIS DO FEMININO NO SÉCULO  
XIX: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ORGULHO E  
PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN E TESS, DE THOMAS  
HARDY**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III - Centro de Humanidades como cumprimento das exigências do Trabalho de Conclusão de Curso em Letras sob a orientação do Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva.

Guarabira – PB,  
Dezembro – 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

F866r	Freire, Luana Justino
	Representações paradoxais do feminino no século XIX: uma análise comparativa entre Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Tess, de Thomas Hardy. – Guarabira: UEPB, 2011. 23f.
	Artigo - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva”.
	1. Mulher – Século XIX                      2. Jane Austen 3. Thomas Hardy                      I.Título. 22.ed. CDD 305.4

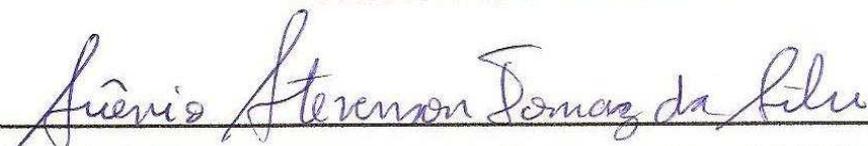
LUANA JUSTINO FREIRE

**REPRESENTAÇÕES PARADOXAIS DO FEMININO NO SÉCULO XIX:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ORGULHO E  
PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN E TESS, DE THOMAS HARDY**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura  
Plena em Letras como cumprimento do Trabalho de Conclusão  
de Curso.

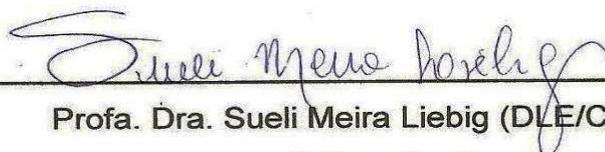
Artigo aprovado em 06 de dezembro de 2011, com nota: 9,5.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



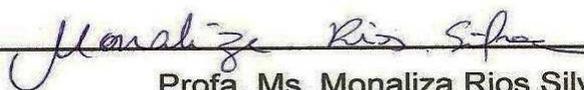
Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)

Orientador



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB)

1ª Examinadora



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)

2ª Examinadora

Guarabira/PB

Dezembro – 2011

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a representação paradoxal do feminino no século XIX, através de uma análise comparatista, enfatizando as divergências entre *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e *Tess of the D'Urbervilles*, de Thomas Hardy. Tendo em vista contribuir com a comunidade acadêmica e com as pesquisas literárias, em meio às questões de “identidade, igualdade, diferença” presentes nos diversos segmentos da sociedade, sobretudo, em relação às questões de gênero, pretendemos confrontar as diferentes representações do perfil feminino do século XIX, por meio de Elizabeth Bennet e Tess, protagonistas dos romances em questão. Como estratégia teórico-metodológica, esta pesquisa se baseia, principalmente, em Kamita (2006), Perrot (2005/2008), Funck (2011), entre outros estudiosos que nos guiarão na análise proposta neste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher no século XIX. Jane Austen. Thomas Hardy.

## INTRODUÇÃO

A Literatura Comparada, desde o seu surgimento no século XIX, vem ganhando espaço no âmbito das pesquisas literárias. Não se trata apenas de uma simples comparação de textos literários, mas como um método de estudo em que obras literárias, que podem ser de autores e culturas distintas, são confrontadas no intuito de estabelecer um diálogo entre elas.

Nessa perspectiva, o presente trabalho justifica-se pelo propósito de ampliar os estudos que tratam dos perfis de mulheres no século XIX. Almejamos, dessa forma, contribuir com a comunidade acadêmica e com as pesquisas literárias já que, em meio às questões de “identidade, igualdade, diferença” presentes nos diversos segmentos da sociedade, as relações de gênero têm sido o foco de importantes discussões e reflexões quanto às suas definições.

Durante as últimas décadas, temos visto uma mudança quanto ao papel das mulheres na sociedade, o que tem influenciado a transformação da visão tradicional de diferença entre os sexos. Seria essa nova visão acerca das transformações das diferenças entre os sexos que, definitivamente, traz liberdade tanto para os homens quanto para as mulheres?

Diante desses questionamentos, propomos nesse artigo uma discussão voltada para as representações paradoxais do feminino no século XIX, através de uma análise comparatista das divergências entre as obras de Jane Austen e de Thomas Hardy. Para tanto, confrontamos as heroínas, Elizabeth Bennet, de *Orgulho e Preconceito* e Tess, de *Tess of the D'Urbervilles*<sup>1</sup>.

No decorrer do nosso trabalho, procuraremos analisar a forma como Austen e Hardy representam o feminino no século XIX, a partir de perspectivas diferentes acerca da subserviência e da independência deste gênero em relação ao masculino, e quais os recursos que as mulheres dispunham, a fim de alcançar seu espaço no meio social da época.

Em nossa pesquisa, utilizaremos como base teórica, principalmente, as discussões de Kamita (2006), Perrot (2005/2008), Funck (2011), entre outros estudiosos que se ocupam em discutir sobre a mulher.

---

<sup>1</sup> **Tess of the D'Urbervilles**: O título do original inglês será utilizado no decorrer do texto.

## 1. A MULHER NO SÉCULO XIX

Como pretendemos discorrer neste artigo acerca da representação da mulher no século XIX, faz-se necessário, inicialmente, refletir sobre o que vem a ser mulher. Nesse sentido, nos apoiamos em Funck e nas suas inferências sobre o que é ou venha a ser uma mulher dentro da sociedade. Para a autora, “A identidade, como a de gênero, a sexual, ou qualquer outra, é produto tanto da cultura e do discurso, quanto da natureza que nos identifica na materialidade do corpo” (FUNCK, 2011, p. 67). Nessa linha de pensamento, as identidades são impostas aos indivíduos através da história e da cultura, reprimindo a real essência da natureza humana. Podemos então, reconstruir o conceito de mulher? Em que termos? Até que ponto? Na tentativa de responder tais questionamentos, apresentamos o seguinte:

Afinal, o que é uma mulher? Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles. [...] precisa ser biologicamente uma fêmea? Acredito que não, embora reconheça que a polaridade que a ciência historicamente construiu para os corpos humanos dificilmente permita uma subjetivação fora das normas do sexo biológico (FUNCK, 2011, p.67).

A distinção biológica não é, efetivamente, a diferença entre mulheres e homens. Quanto a isso, Funck adverte:

É o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial. É a forma pela qual ela afeta nossos modelos de conhecimento e de relacionamento, com vantagens para alguns e desvantagens para outros (2011, p.69).

Nesse aspecto, a autora nos chama atenção para a necessidade de se entender a construção do discurso, da linguagem em uso, como um instrumento de construção do mundo, para podermos compreender a diferença vista como sendo da mulher em relação ao homem.

O pensamento de Funck nos remete para os discursos carregados de preconceitos contra a mulher que predominaram na sociedade do século XIX. Os códigos, em toda a Europa, vão definir o modelo do comportamento das mulheres, sobretudo no casamento, já que elas estavam ganhando forças com os primeiros movimentos feministas naquela época. Para a cultura baseada no patriarcado, a

independência das mulheres representava um perigo para que a ordem dos homens triunfasse.

No que diz respeito aos papéis atribuídos a homens e mulheres, geralmente emanam diretamente do corpo. Para Funck, “[...] seja de seus hormônios ou de sua força muscular. [...] esse determinismo muscular acaba por produzir uma visão estável e coerente da subjetividade feminina” (2011, p.70).

Vale salientar que, ao longo da história, o corpo da mulher está vinculado às suas formas físicas, pela qual ela é explorada e oprimida pelo homem. Portanto, definir o termo “mulher” em uma sociedade, como aquela do século XIX, em que o corpo da mulher não lhe pertence, e sim ao marido que devia possuí-lo com toda a potência viril, se torna um tanto delicada, já que ela não tinha liberdade alguma. Nessa direção, citamos Perrot (2005, p. 447):

O corpo está no centro de toda a relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provavelmente o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são o objeto de uma perpétua suspeita.

Se relacionarmos essas e outras questões ao significado do corpo no processo de subjetivação, sobretudo se tomarmos como base o contexto do existencialismo, “com a sua crença de que cada indivíduo é um constante tornar-se” (FUNCK, 2011, p.70), veremos que a materialidade do corpo no processo de subjetivação das mulheres ganhou uma representação importante a partir de estudos, como os de Simone de Beauvoir, na compreensão histórica e concreta do que significa ser mulher numa determinada sociedade. Para Beauvoir, “[o] corpo não é uma coisa, é uma situação: é nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos” (2002 *apud* FUNCK, 2011). Sendo assim, o corpo está intimamente ligado à subjetividade, se considerarmos o contexto da nossa existência. Conforme Funck, “São nossas ações que dão significado as nossas vidas” (2011, p. 70), Logo, para que a mulher venha a se tornar um indivíduo emancipado, ela precisa, antes, tomar consciência da forma como toma posse do mundo na conquista dessa liberdade.

Visto dessa forma, podemos concluir que a ideia do que venha a ser mulher está ligada às nossas experiências e ao modo como enxergamos o mundo.

Conforme um trecho da entrevista de Toril Moi à Revista Estudos Feministas, citada por Funck:

[...] a questão se torna o que o sexo faz a nós como seres humanos localizados em um corpo. A resposta é que o corpo está sempre em uma situação e que serve a uma situação também. [...] a maneira como entendo isso é que é o mundo – significando o poder do povo, o que quer que seja – o mundo está seguramente tentando fazer algo conosco, de forma que respondemos a isso, estamos sempre tentando fazer algo com aquilo que o mundo está tentando fazer conosco. Uma resposta é aceitar passivamente outra é resistir e lutar. [...] Ao longo do tempo, você se torna o registro histórico de seus projetos e do que o mundo faz com eles (2007 *apud* Funck, 2011, p.71).

No contexto cultural e histórico, a mulher é vista por um corpo que o mundo assume como feminino em determinado momento ou lugar. Seu desenvolvimento como indivíduo implicará no modo como ela negocia sua experiência dentro das práticas discursivas. Conforme Funck, com relação aos termos “mulher e literatura” (ou “mulher na literatura”), novas considerações precisam ser feitas:

O termo aqui funciona como uma marca de diferença, implicando uma relação que qualifica ou restringe a literatura, e indicando [...] um posicionamento político. [...] Na verdade, temos aqui duas “mulheres” – uma, por assim dizer, corporificada e fora da literatura; outra dentro, discursivamente imaginada (ou imaginando, se considerarmos a outra). A primeira que somos nós, não pode prescindir de uma consciência crítica interessada. [...] a segunda mulher está nos textos. E é a política de sua representação que nos interessa na medida em que, imaginada, ela é da maior importância na construção dos sistemas a partir dos quais nos subjetivamos (FUNCK, 2011, pp.71-2).

Nessa perspectiva, o sujeito “mulher” assume uma importância política ímpar na construção de sistemas a partir dos quais nos subjetivamos. Esta mulher que habita os textos e provoca mudanças na instituição da literatura abre um leque de possibilidades e perigos para o projeto feminista de forma consciente, ou seja, a partir de seu conhecimento emancipatório.

Falar sobre a relação de igualdade entre os sexos era uma situação muito delicada, em uma sociedade patriarcal imersa em um sexismo de poder sobre as mulheres. Assim se caracterizava a repressão vivida por muitas mulheres no decorrer do século XIX. Na sociedade vitoriana então, que mantinha um rígido código de conduta, diz Silva (2006, p. 225) “Quanto à mulher, o que se esperava

dela era que agisse como um ser frágil, prudente e fútil, a quintessência da inutilidade”.

Diante do exposto, percebemos que o destino da mulher estava sempre ligado à família, à casa, aos afazeres domésticos, à maternidade, como um ideal social e patriarcal. Quanto a isso, Perrot (2005, p. 79) afirma:

Ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definindo o “lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico.

Sabemos que o sexo masculino sempre foi definido como a forma humana mais inteligente, capaz, privilegiada, corajosa, racional, forte. Essas qualidades atribuídas ao masculino eram-lhe apresentadas e ensinadas durante a sua formação de homem e, se distinguir das mulheres, era uma regra principal na concepção de sua virilidade.

Em outra perspectiva, temos o feminino, figura que fora construída e estereotipada por um discurso machista e patriarcal. Logo, a concepção de feminino estava associada à passividade, a incapacidade de ação, uma mentalidade escrava de uma anatomia que faltava alguma coisa e de um poder cultural que reprimia as mulheres no século XIX.

Diante dessas definições preconceituosas sobre a identidade das mulheres “A crítica feminista tem se dedicado nos últimos tempos a questionar sobre a construção social do gênero, o que significa historicamente ser mulher” (KAMITA, 2006, p.283).

A mulher era vista pela sociedade do século XIX como um ser de inferioridade moral, diante do homem, e da falsa instrução que ela recebe da cultura em que está inserida. Diante disso, Perrot comenta o destino de muitas mulheres moldado naquele século:

O destino da mulher é a família e a costura [...]. Ao homem, a madeira e os metais, à mulher a família e os tecidos. Eis aí, expressa de maneira radical por um delegado operário na exposição de 1867, a grande divisão sexual do trabalho e do espaço social que a racionalidade do século 19 levou aos seus mais extremos limites (2005, p. 171).

Havia uma necessidade primitiva por parte do patriarcado em definir o papel das mulheres, torná-las inferiores em todos os segmentos sociais, políticos,

históricos e culturais. No século XIX, a identidade sexual era um produto de expressão cultural oferecida pela história.

Os homens eram a expressão máxima da inteligência e da razão que fundavam a cultura e a história; a eles cabiam a decisão, a razão e a esfera pública. “As mulheres se enraízam na natureza” (PERROT, 2005, p.265), elas têm o coração, a sensibilidade, as emoções e, principalmente, a fraqueza. Foram feitas para a vida doméstica.

Dessa forma, no que diz respeito a nossa pesquisa – os romances *Orgulho e Preconceito* e *Tess* – é importante salientarmos a representação da mulher sob o ponto de vista do homem (Hardy) e da mulher (Austen), a fim de discutirmos a construção paradoxal de discursos, práticas etnocêntricas e patriarcais acerca do feminino no contexto histórico, social, político e cultural do século XIX.

## **2. JANE AUSTEN E THOMAS HARDY: OS ROMANCISTAS DO SÉCULO XIX**

O romance foi um gênero literário que predominou na Inglaterra do século XIX. Seu surgimento no século XVIII representou um marco para a tradição literária, tradição que a partir das produções literárias de escritores como Austen e Hardy que, mesmo vivendo em períodos distintos do mesmo século (Austen, do início e Hardy, do final), ajudaram a consolidar este gênero.

Jane Austen (1775-1817) é considerada uma das mais representativas romancistas da literatura inglesa. Sua escrita sempre foi um problema para aqueles que gostam de enquadrar escritores em um determinado estilo de época. Silva (2006) nos diz: “No caso de Austen a dúvida é: ela era romântica ou realista? Devido a essa discussão, até pouco tempo sua obra era ignorada” (p. 213).

O fato é que os romances de Austen provocaram um grande impacto na literatura inglesa. Seus enredos possuem conotações românticas, não é apenas uma ilusão de mocinha; ainda não apresentava toda a irreverência incondicionada e crueza de um romance plenamente realista.

Entretanto, nos cita Silva (2006, p. 213): “Suas tramas constituem uma variação do tema padrão dos romances femininos do século XVIII: a entrada em uma sociedade cujo ápice para a mulher é o casamento”. Para Austen o que interessa realmente é abordar a conduta das pessoas, que estavam imersas em uma sociedade inebriada por vários paradoxos decorrentes das transformações e da

erosão de valores ligados a um processo geral de mudança, que afetavam as famílias de proprietários rurais da época.

Considerando a participação das mulheres no campo literário a partir do século XIX e as críticas exacerbadas de seus escritos, Kamita (2006, p.283) nos esclarece que “Alterar o tom dos velhos discursos é um dos objetivos da crítica literária feminista, no sentido de garantir a incursão das mulheres na literatura, incursão de fato e de direito”.

As dificuldades em encontrar um espaço no mundo das letras era uma tarefa árdua, diante dos velhos discursos que norteavam a sociedade inglesa da época. Mais adiante, no século XX, a escritora Virginia Woolf questionou de forma realista que a única maneira de conquistar espaço no campo da escrita seria a mulher garantir “quinhentas libras e um quarto com fechadura [...]” (1985 *apud* KAMITA, 2006, p. 285).

A participação feminina era quase nenhuma no campo da literatura, além de receber críticas quanto à sua escrita e à falta de reconhecimento pela tradicional crítica literária. Segundo Kamita (2006, p. 286):

A literatura foi, portanto, especialmente para as escritoras nascidas no século XIX, um ato de rebeldia, pelo fato de que ela era educada para não questionar, mas obedecer, e agir não de acordo com suas próprias vontades, mas segundo que os outros esperavam dela. Esse tradicional silêncio seria quebrado pelas palavras.

Escrever, para as mulheres, não foi tarefa fácil. Pois seu acesso à escrita foi tardio e encontrou bastante resistência, principalmente por parte daqueles “que não gostam de mulheres que escrevem, [...] homens das luzes” (PERROT, 2008, p.98). Entretanto, nos séculos XIX e XX elas conquistaram o mundo das letras, da literatura. Para Perrot (2008, pp.99-100):

[...] o romance, em particular, que se tornou o território das grandes romancistas inglesas (Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot, Virginia Woolf e as demais) [...] elas escreveram todos os tipos de romance: o antigo e o novo, o rosa e o negro, o sentimental e o policial, anteriormente apanágio dos homens e que se tornou nos últimos tempos um de seus domínios preferidos.

Austen, por exemplo, escreveu romances que marcaram o processo de transição entre os séculos XVIII e XIX. Seus trabalhos mais conhecidos são: *Northanger Abbey* (1818); *Sense and Sensibility* (1811); *Pride and Prejudice* (1813); *Mansfield Park* (1814); *Emma* (1816) e *Persuasion* (1818). Todos eles construídos

em torno de uma temática recorrente: “a solidão e a repressão das jovens mulheres forçadas ao silêncio e oprimidas pelos códigos morais prescritos pela sociedade” (SILVA, 2006, p. 213).

Apesar de viver em uma época em que as mulheres eram confinadas aos ditames de uma sociedade patriarcal, moralista e sexista. A obra literária de Jane Austen deu ao romance inglês o primeiro impulso para a modernidade, por possuir uma aguda percepção psicológica, um estilo que destila uma ironia sutil, dissimulada pela leveza da narrativa. Conforme Perrot (2005, p. 13):

A literatura, esta epopéia do coração e da família, é, felizmente, infinitamente mais rica. Ela nos fala do cotidiano e dos “estados da mulher”, inclusive pelas que nela se intrometeram. Pois a escuta direto das “palavras de mulher” depende de seu acesso aos meios de expressão: o gesto, a fala, a escrita.

*Orgulho e Preconceito* é uma das obras mais conhecidas de Austen. Sua trama mostra como o amor entre os protagonistas Elizabeth Bennet (Lizzy) e Fitzwilliam Darcy era capaz de superar as barreiras do orgulho e do preconceito, a diferença social entre eles e o escasso poder de decisão concedido à mulher na sociedade da época. O preconceito vivido por essas mulheres estava diretamente relacionado às leis de herança da Inglaterra, o que as deixavam em uma posição inferior ao homem. Sendo assim, a única saída para elas era o casamento.

Segundo Williams (1989, p.161), “Jane Austen orienta suas heroínas firmemente em direção a casamentos apropriados”. Nessa perspectiva, a protagonista Elizabeth de *Orgulho e Preconceito*, possuindo um comportamento à frente das mulheres de sua época, e indo contra todas as conveniências de um casamento existentes na sociedade, acaba se casando por amor. O fato de Elizabeth escolher se casar por amor pode ser visto como uma saída para não casar por conveniência. Sendo assim, esse aspecto nos é abordado por Austen como sendo positivo em relação ao discurso patriarcal da época. Quanto a isso, Perrot (2008, p. 47) adverte:

Ocorre uma longa e lenta expansão do casamento por amor, processo no qual as mulheres do século XIX tem um papel fundamental, e cuja apologia é feita por romancistas como Jane Austen e George Sand. Sinal claro da individualização das mulheres, e também dos homens, o casamento por amor anuncia a modernidade do casal, que triunfa no século XIX.

A produção literária de Austen está além do que poderia ser uma simples história de amor. Em suas narrativas, o casamento pode ser visto como uma representatividade positiva, em que as heroínas, fazendo essa escolha, respeitavam-se enquanto indivíduos ou sujeitos. Sendo assim, sua escrita torna-se uma forma de mostrar os sentimentos que envolvem a natureza humana, envolta pelas relações sociais de uma época em que a literatura de autoria feminina não possuía nenhum reconhecimento e era considerada sem nenhum interesse para muitos escritores desse período.

O outro romancista que propomos analisar neste artigo, Thomas Hardy (1840-1928) foi também poeta, e, antes de entrar no mundo literário, estudou arquitetura. Por isso, “É sempre fácil considerar que são arquitetônicos os romances de um arquiteto e a crítica de Hardy não fugiu à regra” (SENA, p.319) <sup>2</sup> É interessante considerarmos que a estrutura deste gênero não passaria despercebida aos olhos de um arquiteto de tendências literárias.

Este escritor inglês, em 1867, trocou a arquitetura pelas letras, começou a publicar poemas e escreveu o seu primeiro romance, *Desperate Remedies* (1871). Seus romances mais famosos são: *Far from the Madding Crowd* (1871), *The Return of the Native* (1878), *The Mayor of Casterbridge* (1886), *The Woodlanders* (1887), *Tess of D'Urbervilles* (1891) e *Jude the obscure* (1896). Entre as coletâneas de contos, temos: *Wessex Tales* (1888), *Life's Little Ironies* (1894), *The Well-Beloved* (1897) e os contos de *A Changed Man* (1913). Após a sua morte foram publicados, desde *Wessex Poems* (1898) aos *Winster Words* (1928). Hardy é considerado um dos últimos grandes vitorianos da ficção e um dos maiores mestres da poesia moderna.

A sua literatura caracteriza-se pelo pessimismo exacerbado. “Como escritor em prosa, Hardy não é um “estilista”, como muitos de seus contemporâneos tendiam a ser” (SENA, p.320). Suas obras possuíam uma linguagem muito simples, direta, pouco sugestiva e sem elegâncias.

Em *Tess of the D'Urbervilles* (1891), Thomas Hardy faz uma forte crítica à sociedade vitoriana através das experiências decadentes vividas por Tess e a forma como ela é vencida pelos abusos, injustiças e crueldades cometidos contra as mulheres da época.

---

<sup>2</sup> **SENA:** A obra do referido autor não tem data.

Suas obras foram escritas na transição do séc. XIX para o séc. XX, em que Hardy retrata uma literatura voltada para a vida campestre e envolta pelas tendências do realismo naturalismo.

Jorge de Sena noz diz que os sofrimentos vividos pelos protagonistas de Hardy são uma ofensa à segurança vitoriana, pois revelam todo o vazio em que o homem do fim do século XIX se encontrava:

Tess e Jude, precisamente os protagonistas que mais ofenderam a segurança vitoriana, são exemplos dessa amargura total, em que apenas se vislumbrava, de longe, a única conformidade legítima que é a identificação com o caráter necessário de um destino absurdo. O calvário social de Tess, e o calvário de Jude traído pelo amor e pela amizade, ascendem assim ao plano da grande tragédia – e são, apesar das aproximações que têm sido feitas com a tragédia grega, o que com Emily Brontë e Dickens, o romance vitoriano pode ser de Shakespeare (p. 321).

Em seus romances, Hardy nos coloca, de diferentes modos, a experiência da mudança e a dificuldade das escolhas, que são centrais, e até mesmo decisivas. Se por um lado vemos o escritor regionalista sendo a última voz de uma velha civilização rural, e que sua obra está cada vez mais distante do nosso tempo, em outra perspectiva, Hardy escreve com a mais profunda consciência do que qualquer outro romancista inglês como nos relata Raymond Williams (1989, p. 270):

Hardy escreve [...] a respeito de algo que ainda está muito próximo de nós, onde quer que moremos: algo que pode ser expresso abstratamente como o problema da relação entre a vida regida pela tradição e a orientada pela instrução formal; entre os sentimentos e pensamentos ligados aos costumes e os que são frutos da educação.

É este o problema que nos é relatado através das tramas do autor e que está intrinsecamente ligado à sociedade de maneira significativa. Desta forma, Hardy combina em sua obra referências a literatura vitoriana com um questionamento constante e inquieto a respeito da vida. Além de quebrar vários tabus sexuais e sociais dominantes naquele contexto, tanto na literatura, quanto na sociedade inglesa, em que se tinha uma visão simplista da mulher ligada a uma representação sempre relacionada e condicionada aos meandros dos sentimentos e a um mundo interior ou doméstico.

### 3. ELIZABETH E TESS: REPRESENTAÇÕES PARADOXAIS DO FEMININO NO SÉCULO XIX

O contexto histórico e cultural da Inglaterra do século XIX contribuiu, de maneira significativa, para a produção literária de Jane Austen e Thomas Hardy, bem como a representatividade que ambos atribuem ao perfil feminino dessa época as suas heroínas Elizabeth em *Orgulho e Preconceito* e Tess em *Tess of the D'Urbervilles*.

As narrativas em destaque apresentam divergências em vários aspectos, dentre eles, no tipo de discurso e ideais pregados acerca das condições das mulheres na sociedade do século XIX. Antes de confrontarmos as duas heroínas, segue um resumo dos dois romances.

*Orgulho e Preconceito* (1813), publicado no início do século XIX, gira em torno da trajetória da inteligente jovem de 20 anos, Elizabeth Bennet, que vive com seus pais e suas quatro irmãs em uma cidade do interior da Inglaterra. É quando chega a notícia que os Bingley compram a propriedade de Netherfield Park, nas redondezas de Hertfordshire, onde vivia a família Bennet. Logo, em um baile tipicamente provinciano, as meninas são apresentadas ao novo morador da região, o Sr. Bingley. Com ele, vêm suas irmãs e outro jovem de aparência recrudescida, arrogante, e esnobe, o velho amigo de infância: Sr. Darcy. No instante em que se encontram, a aguda inteligência de Elizabeth choca-se com o caráter estrito e orgulhoso do Sr. Darcy.

Em outra perspectiva, o romance *Tess of the D'Urbervilles* (1891), escrito no final do século XIX, relata a vida de Tess Durbeyfield (variação de D'Urberville), jovem da zona rural da Inglaterra. A vida de extrema pobreza que ela compartilha com seus pais e vários irmãos mais novos é inadvertidamente interrompida quando sua família decide que ela deve trabalhar para “parentes” ricos. Na mansão dos D'Urbervilles (família Stones que comprou o título dos D'Urbervilles), ela conhece Alec, que a seduz e a engravida. Após algumas semanas Tess foge e dá a luz a um filho ilegítimo que morre prematuramente. Depois do nascimento e morte prematura de seu filho, Tess vai trabalhar numa leiteira onde reencontra Angel Clare, com quem se casa. Angel a repudia na noite do casamento ao saber de seu passado com Alec. Ele parte para o Brasil. Ao voltar para a Inglaterra um ano depois, procura

por Tess e a encontra com Alec. Pede que o perdoe. Tess mata Alec e foge com Angel. Ela é condenada à morte.

As heroínas, apesar de estarem inseridas na sociedade rural da Inglaterra, provêm de diferentes classes sociais: *Orgulho e Preconceito* retrata uma jovem de classe média com forte personalidade, à frente de seu tempo, que acredita no amor e se recusa a viver ou a casar-se por conveniência; e *Tess* relata a vida de extrema pobreza de uma jovem perseguida pelos ditames de uma sociedade inebriada de estereótipos contra a mulher.

Em *Orgulho e Preconceito*, nota-se que Austen, mesmo vivendo em uma cultura que julga e cobre as mulheres com uma vasta e espessa capa de pensamentos machistas, que vê a natureza feminina como uma forma submissa, é bastante otimista ao atribuir grande representatividade dos anseios de ascensão social das mulheres dessa época, a uma personagem extremamente complexa, tal como sua protagonista Elizabeth. Nesse sentido, através das atitudes de sua heroína, Austen defende a necessidade da escolha e do amor para se casar, como podemos verificar no diálogo entre Elizabeth e sua amiga Charlotte sobre o casamento por interesse:

“[...] Jane deveria, portanto, aproveitar cada meia hora ao máximo para que ela possa atrair sua atenção. Quando ela estiver segura com ele, haverá mais liberdade para se apaixonar quando ela quiser.”

“Seu plano é muito bom”, replicou Elizabeth, “onde nada está em questão além do desejo de se casar bem e se eu me determinasse a conseguir um marido rico, ou qualquer marido, ousaria dizer que o adotaria. Mas estes não são os sentimentos de Jane” (AUSTEN, 2008, p.26).

Por outro lado, em *Tess*, Hardy expressa todo o seu pessimismo, considerado um reflexo da forte crise existencial que atingia a natureza humana no século XIX, sobretudo a Sociedade Vitoriana. Segundo Anthony Burgess (2006, p. 246), “Em seus romances, o homem jamais parece se sentir livre: o peso do tempo e do lugar caem sobre ele, e, acima de tudo, há forças misteriosas que controlam sua vida”.

Percebemos, portanto, que o constante questionamento de Hardy sobre a vida e a sociedade, presentes em suas obras, nos aponta para o forte decadentismo de fim de século. Apesar da representação de algumas de suas personagens, de

certa forma, inovadora, ainda é possível encontrarmos a reprodução de estereótipos já estabelecidos na história da literatura inglesa.

Tess representa a total desesperança de uma moça ingênua e trabalhadora, com aproximadamente 16 anos, condenada por uma sociedade hipócrita, injusta e machista, regida por leis hierárquicas e patriarcais, que se personificam nas atitudes de Alec e Angel.

É impressionante como o autor se utiliza da autoconsciência dos atos de Tess para nos fazer refletir sobre os padrões de virgindade da época, dos quais as mulheres não podiam se desviar, caso contrário, seriam condenadas para sempre, como vemos, a seguir, no questionamento da protagonista sobre os padrões de castidade:

Era realmente verdadeiro, a respeito de castidade, que esta uma vez perdida, estava perdida para sempre? – perguntava a si mesma. Poderia provar que era falso, se fosse capaz de encobrir o pensamento. O poder de recuperação que impregnava a natureza orgânica certamente não era negado apenas à virgindade (HARDY, 1984, p.122).

O romance *Tess*, de título original: *Tess of the D'Urbervilles* (1891), foi publicado com o subtítulo “A Pure Woman”. Qual o propósito do autor ao se referir a Tess como uma mulher pura? Para a crítica, além de Hardy mostrar sua simpatia pela protagonista ao descrevê-la como uma mulher pura, ele também aproveita para desafiar o código moral ortodoxo da sociedade vitoriana de forma irônica. De acordo com o nosso ponto de vista, a raiz da tragédia de Tess está em seu habitat, pois sua vida é julgada diante das conversões hipócritas da época, que vê Tess como uma pecadora imperdoável e, cujos pecados terríveis, a condenam a ser como “a fallen woman”<sup>3</sup>.

Em outro aspecto, *Orgulho e Preconceito* aparenta ser um conto de fadas em que a mocinha, Elizabeth Bennet, se casa com o virtuoso príncipe, Mr. Darcy, e vai morar num lindo e requintado palácio, onde eles vivem felizes para sempre. Mas engana-se quem pensa assim! Essa suposta realidade é uma fina ironia utilizada por Austen para criticar a sociedade patriarcal da época. A temática feminina é polêmica por apontar o caráter abusivo e discriminatório de uma lei que impede as mulheres

---

<sup>3</sup> **Fallen woman**: significa uma mulher perdida, ou seja, que teve relação sexual fora do casamento (HARDY, 2003, p.6).

de herdarem os bens ou as propriedades da família, bem como os desejos das mulheres de ascensão social e de amor que se entrelaçam aos dilemas familiares.

Ao contrário de outras personagens de Austen, Elizabeth é uma jovem mulher autocentrada e autoconfiante, que tem uma personalidade forte e que julga com bom senso as pessoas e situações em que se encontra. Assim, ao passo que percebemos toda a valentia de Elizabeth em recusar a proposta de casamento feita pelo Sr. Collins: “[...] Sou totalmente séria em minha recusa. Você não poderia me fazer feliz e estou convencida de que sou a última mulher no mundo que lhe poderia fazer assim” (AUSTEN, 2008, p.120), também refletimos sobre a sua potencialidade e originalidade aliadas a sua resistência em reduzir ou agradar a Darcy, que são exatamente as causas da sua paixão e admiração por ela, influenciando uma profunda mudança que se processa no caráter dele. Como observamos no diálogo entre os dois sobre a primeira proposta de casamento feita por Darcy:

“Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente a admiro e a amo.”

A surpresa de Elizabeth estendeu-se além das palavras. [...] Seu conhecimento de que ela era inferior – que era uma degradação – dos obstáculos familiares que sempre se opuseram à sua inclinação, foram temas nos quais ele se demorou com uma emoção que parecia a devida conseqüência de que ele estava ferido, mas que muito provavelmente não faria seu discurso ser bem recebido. [...]

“Em casos como este, [...] É natural que a obrigação seja sentida e, se pudesse sentir gratidão, eu agora lhe agradeceria. Mas não posso – eu nunca desejei que pensasse bem de mim, e você certamente investiu muito contra a sua vontade. Lamento ter causado dor a alguém. [...]

“E esta é toda a resposta que eu tive a honra de esperar! Posso, talvez, ser informado por que, com tão pouco esforço de civilidade, eu fui Rejeitado?” [...]

“Desde o começo – desde o primeiro momento, posso quase dizer – de meu relacionamento com você, seus modos, me impressionando com a crença total de sua arrogância, [...] e se não tivesse o conhecimento um mês antes, sentiria que você seria o último homem no mundo com quem eu poderia ser convencida a me casar.”

“Você já disse o bastante, madame. Compreendo perfeitamente seus sentimentos e me resta agora apenas me envergonhar do que foram os meus. (AUSTEN, 2008, pp.201-205).

Elizabeth, em suas conversações rompe com os estereótipos que se referiam às mulheres como sendo frívolas e frágeis, e sempre se deixarem levar por suas emoções e sensações. É reconhecido que até o momento em que ela recusa sua proposta de casamento, Darcy ainda mantém sua autoconfiança no seu poder

masculino e na força que seu dinheiro e poder social teriam para convencê-la. Porém, com a recusa de Elizabeth, ele percebe que, submetê-la a sua vontade não surtiria efeito, então, a partir desse pensamento, surge um novo ser que, através de um modo de expressão tipicamente feminino como a carta, se mostra humilde e pronto para aprender as lições que ela lhe impõe.

Já em *Tess*, a decadência da protagonista é claramente aceita por ela no decorrer da história. A sua submissão e inferioridade diante da superioridade masculina representada pelo poder de dominação que Alec impõe sobre ela, nos remetem para as causas que levam a tragédia de Tess, bem como a representatividade de seu perfil feminino diante das rígidas regras patriarcais impostas as mulheres daquela época, que nega a Tess o direito de defender-se, conforme percebemos na seguinte passagem:

Tess inclinou-se para ele, de leve, o olhar demorando-se um pouco no seu; depois, voltou-se para pegar os embrulhos e partir.

Alec D'Urberville tirou o charuto, inclinou-se para ela e disse:

- Não irás embora dessa maneira, querida? Vem!

- Se o senhor deseja – respondeu ela, com indiferença. – Veja como me dominou!

Neste ponto, fez meia volta, ergueu o rosto para Alec, e ficou como um pilar de mármore enquanto ele imprimia-lhe um beijo na face – meio negligentemente, meio como se o prazer ainda não tivesse morrido por completo. Os olhos dela pousaram vagamente nas árvores mais remotas do caminho, enquanto o beijo era dado, como se estivesse quase inconsciente do que ele fazia (TESS, 1984, p.96).

Alec, após violar a virgindade de Tess, não percebe seu pecado, pelo contrário, culpa Tess por tentá-lo com sua beleza. Embora tenha uma natureza pura, seu envolvimento sexual com Alec, representa seu rompimento com a cultura patriarcal de seu tempo.

O tom pessimista que perpassa a trama é considerado uma forte característica do decadentismo enquanto estética. Em *Tess*, a heroína é representada por Hardy, como uma mulher que rompe com os padrões morais dominantes no século XIX. Porém, suas esperanças são roubadas e seus sonhos destruídos pelo pensamento preconceituoso que tomava conta da sociedade.

Em outra perspectiva, baseada nos ideais de sentimentos como o amor, a amizade e afinidade, Austen atribui a Elizabeth um perfil inovador, independente e

consciente de seus atos. Sua protagonista serve como um reflexo do conflito de valores da época, já que luta para manter um equilíbrio entre a necessidade de se casar, por consequência garantir o seu sustento, e os ideais de individualismo e de livre-escolha que estavam ganhando espaço na época. Porém sua educação tinha por base as regras daquela sociedade patriarcal. Pode-se afirmar que, Elizabeth procura encontrar na instituição conservadora do casamento, além de uma estabilidade financeira segura, satisfação e felicidade.

Tudo isso se comprova quando, Elizabeth, tenta convencer seu pai de que não está interessada na riqueza de Darcy, e seus sentimentos não são indiferentes aos dele, como vemos a seguir:

“Você tem alguma outra objeção”, disse Elizabeth, “além da crença em minha indiferença?”

“Nenhuma. Todos o conhecemos como um tipo de homem orgulhoso e desagradável; mas isso nada seria se você realmente gostasse dele”.

“Eu gosto, eu gosto dele”, ela replicou, com lágrimas nos olhos, “eu o amo. De fato, ele não tem orgulho inapropriado. Ele é perfeitamente adorável. Você não sabe quem ele é realmente; então, por favor, não me machuque ao falar dele novamente nesses termos”.

“Lizzy”, disse seu pai, “eu dei a ele meu consentimento. [...] Eu agora dou a você, se está decidida em se casar com ele.” (AUSTEN, 2008, p.388)

Austen, dessa forma, através da felicidade conjugal representada em *Orgulho e Preconceito* pela união de Elizabeth a Darcy, demonstra que, mesmo vivendo sob os ditames de uma sociedade perpassada pelos preconceitos contra a mulher, o casamento deve ser entendido como uma relação entrelaçada pela satisfação e o amor entre homem e mulher.

Partindo desse viés, verificamos que em muitos momentos Austen conduz sua heroína, Elizabeth, para além das possibilidades reais oferecidas às mulheres de seu tempo. Apesar de sua obra transcender às dificuldades e limites impostos pela sociedade patriarcal, só era possível às mulheres escrever, expressar suas ideais e criticar as duras regras da sociedade em que estavam inseridas, se tivessem condições para isso.

Em contrapartida, Hardy traça, de maneira marcante, cada etapa da vida decadente de Tess, sempre acompanhada pela censura e condenação de todos.

Assim, por traz da inovação, subjaz a conservação e o estereótipo de que todas as experiências das mulheres são motivadas por seus sentimentos, fraquezas, sua vida íntima e privada.

Se por um lado, o comportamento de Tess se torna uma anomalia perante a sociedade, devido à violação de Alec sobre a sua virgindade; por outro, o espírito de Tess é cruelmente destruído pela atitude injusta de Angel ao descobrir, na noite do casamento, que Tess não era mais virgem. Hardy se utiliza da ingenuidade de Tess para criticar a hipocrisia e os padrões da sociedade vitoriana representados na visão de Angel sobre a sexualidade das mulheres e a castidade. Podemos observar no diálogo a seguir, o duplo padrão que prevalece na época. Pois o passado de Angel é semelhante ao de Tess, mas mesmo tendo sido perdoado por ela, ele não a perdoa.

- Em nome do nosso amor, perdoa-me! – murmurou, a boca ressecada. – Perdoei-te pela mesma coisa! [...]

- Tu... sim, perdoas.

- Mas não me perdoas?

- Oh! Tess, o perdão não se aplica a esse caso! Eras uma pessoa; agora és outra. Meu Deus... como pode o perdão aplicar-se a uma... prestidiginação grotesca como essa! [...]

- Pensava, Angel, que me amasses... a mim, como sou! Se sou mesmo quem amas, oh! Como pode ser que ajas e fales desse modo? Assustas-me! Desde que comecei a amar-te, amo-te para sempre... com todas as mudanças, com todas as desventuras, porque és o que és. Não peço mais Por isso, como podes, oh! meu marido, deixar de amar-me?

- Repito: a mulher que eu amava não és tu.

- Mas quem é?

- Outra mulher que tem a tua forma (TESS, 1984, pp.260-261).

Diante da opinião machista de Angel sobre a dignidade moral de Tess, percebemos que Hardy nos aponta para estereótipos acerca da prática sexual da mulher antes do casamento. Pois a violação da virgindade de Tess a atormenta durante todo o enredo. E mesmo com a volta de Angel para a Inglaterra, após ter passado um período no Brasil, e o arrependimento dele, diante dos atos de injustiça cometidos contra Tess, não são o suficiente para livrar Tess do seu martírio social. “A “justiça” havia sido feita, e o Presidente dos Imortais [...] havia terminado o seu jogo com Tess” (HARDY, 1984, p.442).

Logo, o fato do autor dar a Tess à oportunidade de matar Alec para fugir com Angel não significa que ela o tenha matado por vingança ou resistência ao seu domínio sobre ela, podemos dessa maneira, considerar essa ação da heroína como uma fuga, perante a opressão sofrida por ela. Seu ato não poderia ser analisado como o triunfo do feminino sobre o masculino. Paradoxalmente, Hardy dá essa possibilidade de Tess triunfar sobre o masculino, mas é condenada à morte.

Na sociedade do século XIX, a relação sexual antes do casamento, era uma prática perdoável para os homens, mas para as mulheres, era considerada uma grande ofensa contra os códigos da época.

Essa perspectiva nos faz perceber que, Hardy, se utiliza da sua heroína para colocar a mulher em um patamar de igualdade ao homem, mas ao mesmo tempo, Tess tem que sucumbir à rigidez da convenção e legislação social e aos preconceitos de homens que dominavam a sociedade patriarcal vigente. Este caráter contraditório, isto é, ora inovador, ora conservador, da escrita de Hardy como romancista, nos permite avaliar um dos escritores do cânone literário inglês e analisar a construção de discursos e comportamentos femininos acerca das imposições da sociedade sobre a maneira de viver das mulheres de seu tempo.

Desta forma, ambas as heroínas, Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito*, e Tess em *Tess of the D'Urbervilles*, são caracterizadas e confrontadas a partir de seus discursos, valores e crenças distintas, a fim de refletirmos sobre a representação da mulher através da perspectiva do homem (Hardy) e da mulher (Austen) e as relações paradoxais do feminino no contexto sociohistórico e intelectual do século XIX.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo parte do propósito de ampliar os estudos que tratam dos perfis de mulheres no século XIX, bem como suas aspirações, comportamentos e ideologias num contexto sociohistórico e cultural cujos ditames discursivos descrevem a mulher como um ser de inferioridade moral perante o homem, além da falsa instrução que ela recebe da cultura patriarcal em que estava inserida.

Com base no que foi exposto, podemos concluir que as divergências encontradas entre as heroínas de *Orgulho e Preconceito* e *Tess* ocorrem a partir dos

diferentes discursos, crenças e valores acerca da formação e personalidades de mulheres da época.

Enquanto *Orgulho e Preconceito* retrata a história de uma jovem, à frente de seu tempo, que procura encontrar na instituição conservadora do casamento, além de uma estabilidade financeira segura, satisfação e felicidade. Em *Tess*, esse desejo de felicidade é consumido pela total desesperança de uma jovem trabalhadora condenada pelos ditames injustos e hipócritas da Sociedade Vitoriana.

Apesar de viver em uma época em que as mulheres eram confinadas aos ditames da sociedade patriarcal inglesa no início do século XIX, Jane Austen atribui à Elizabeth uma personalidade forte e uma autoconfiança que divergem das perspectivas de comportamentos e pensamentos das mulheres de seu tempo.

Em contrapartida, Hardy, ao se utilizar das fraquezas e da autoconsciência de Tess, diante da censura e condenação de todos, nos chama a atenção sobre a condição da mulher na zona rural da Inglaterra no final do século XIX, mas ainda deixa transparecer a conservação e o estereótipo de que todas as experiências das mulheres são motivadas por seus sentimentos, por sua vida íntima e privada e, principalmente, por suas fraquezas.

Através das comparações entre as obras *Orgulho e Preconceito* e *Tess of the D'Urbervilles*, além de verificamos a complexa construção de discursos, valores e crenças distintas acerca da representação da mulher, sob o ponto de vista do homem (Hardy) e da mulher (Austen), abre-se para o diálogo ideológico e histórico sobre as representações paradoxais do feminino no século XIX, a fim de refletirmos sobre as diversas interpretações do que é ou venha a ser mulher em uma determinada época ou cultura.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Trad. Marcelo Furtado. São Paulo: Landmark, 2008.

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. Trad. Duda Machado. 2ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2006.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher? In: *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*. Brasília, DF: Universidade de Brasília,

Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2011. Revista Cerrados. Vol. 20, N. 31.

HARDY, Thomas. *Tess*. Trad. Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

HARDY, Thomas. *Tess of the D'Urbervilles*. Retold by Maud Jackson; Activities by James Tierney. São Paulo, SP: Special Book Services (SBS), 2003.

KAMITA, Rosana Cássia. Mulher e Literatura: uma relação tão delicada. In: Maria Conceição Monteiro e Tereza Marques de Oliveira Lima (org.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006. pp. 281-290.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

SENA, Jorge de. *A literatura inglesa: Ensaio de interpretação e de história*. (s/d).

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura Inglesa para Brasileiros*. 2. ed., Rio de Janeiro. Editora Ciência moderna, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.